

UTOPIA E DISTOPIA

Professor: Franklin Leopoldo e Silva

Monitora: Beatriz Cossermelli

Sala: Azul

Aula 1 – A motivação ética da utopia: um mundo melhor é possível. A reorganização política, técnica e científica da sociedade – 13/8/2012

Qual a relação entre utopia e realidade? Apesar do sentido da utopia colocar-se diametralmente inverso ao da realidade, a sua motivação é sempre a situação presente e, portanto, existe influência muito grande da realidade na utopia. À essa relação, ao mesmo tempo de proximidade e diferença, dá-se o nome de causalidade indireta. Se a experiência do presente engendra a utopia, ela deriva e é produzida por uma certa constatação daquilo que falta, do que está ausente na experiência vivida. O presente é, portanto, uma causa da utopia, mas uma causa indireta. A causalidade indireta é, também, de caráter ético, pois a diferença entre a ética e a realidade define a diferença entre o valor e o fato. O fato é o que existe e o que aí está, o valor é o que a realidade poderia e deveria ser, uma possibilidade calcada em julgamento de valores.

Nas utopias, há um misto de reconhecimento e estranheza. Elementos da realidade são transfigurados para compor o conteúdo utópico. Etimologicamente, a palavra utopia significa "em nenhum lugar". É possível notar, tão logo, que os elementos da utopia não são completamente fantásticos, mas retirados da realidade do cotidiano para serem transportados a um lugar indefinido. Novamente, o ponto de partida da utopia é sempre o presente, ainda que seja considerado insatisfatório. A utopia promove a reunião entre a ficção e a fantasia. A maneira como o escritor mostra o mundo utópico não é meramente baseada na imaginação, mas parte de um comprometimento com algo que ele pretende demonstrar. A motivação ética, ao produzir o universo ficcional, projeta uma realidade possível.

O que move o autor do conteúdo imaginário utópico é um profundo descontentamento, uma visão de carência ética causada por sua experiência cotidiana. O escritor sempre sabe onde está o mal, identifica logo as causas que fazem a infelicidade das pessoas, mas não sabe determinar o local onde a felicidade projetada seria possível. Logo, o pessimismo está por trás de toda utopia.

Dentro do domínio da Lógica, os regimes de pensamento possíveis são os da possibilidade, da realidade e da necessidade (Kant). A possibilidade é antever algo como podendo ser real; a realidade é a percepção da realidade como tal; e a necessidade é uma categoria que faz a síntese de ambas as anteriores. Quando a impossibilidade do que se percebe real não pode ser pensável, então se tem algo de necessário. O regime da necessidade expressa a ligação perfeita entre o possível e o real.

Aula 2 – A distopia como anti-utopia: um mundo pior é possível. O progresso histórico como redenção ou ameaça – 20/8/2012

A utopia pode ser tida como um trabalho do imaginário com vistas a modificar ou interferir na realidade. A distopia, por sua vez, ocorre de modo inverso: como imaginação que retira sua matéria prima da realidade. A utopia propõe que, havendo a possibilidade de um mundo melhor, é possível também construir as mediações para tornar possível a passagem da realidade vivida para a realidade produzida. A distopia, no entanto, se caracteriza por um tipo de consciência da realidade a partir da qual não é possível admitir a passagem para um mundo melhor, mas apenas para um mundo onde as características negativas do mundo que existe são reforçadas. O tipo de vivência e experiência que se tem na realidade que serve de inspiração à distopia não indica a possibilidade de haver uma mudança que substitua o negativo pelo positivo. Portanto, na distopia, o possível é um mundo pior. O objetivo do escritor da distopia é fazer o leitor tomar consciência da experiência do presente através de sua intensificação num mundo imaginário futuro, visto que o hábito de viver num mundo desumano resulta na alienação do que seria um mundo digno. Naturaliza-se, em tal situação, o mundo vivido como se fosse o único possível.

No livro *Admirável mundo novo* (1932), Aldous Huxley trabalha a questão do progresso científico e do desenvolvimento tecnológico como promotores da barbárie. Na obra, ele constata o desenvolvimento de uma racionalidade destinada à administração do ser humano (do ponto de vista tanto material quanto psicológico) paralelo ao desenvolvimento material da ciência e da tecnologia, visto que o domínio tecnológico total permite a organização de uma sociedade inteiramente planejada (inclusive geneticamente). No contexto histórico da década de 1930, a Europa estava tomada por uma espécie de letargia, significando que coisas estranhas aconteciam e as pessoas pareciam não dar-se conta disso. Tal período foi metaforizado na literatura e nas artes como *O ovo da serpente*.